

LITERATURA E VOZES LITERÁRIAS EM ASCENSÃO: CAROLINA MARIA DE JESUS E O *QUARTO DE DESPEJO*

LITERATURE AND LITERARY VOICES IN ASCENSION: CAROLINA MARIA DE
JESUS AND THE *QUARTO DE DESPEJO*

Naimi Alves Neto⁶

Juliana Carvalho de Araujo de Barros⁷

RESUMO: Considerando que escritoras mulheres quase sempre têm sido desconsideradas do cânone literário ao longo de todos esses anos no Brasil, desde a colonização à contemporaneidade, especialmente se forem autoras negras e moradoras de espaços periféricos, torna-se uma questão de justiça e de importância tanto humana quanto científica resgatar a voz dessa minoria suprimida por uma sociedade patriarcal em que a literatura é consumida ou produzida, em sua maioria, por homens brancos pertencentes à elite econômica. Ainda hoje permanecem regras predominantemente masculinas que ditam o que é bom ou ruim em literatura, uma condição que consolida critérios machistas do que é ser mulher, criando para esta uma imagem, muitas vezes, negativa e objetificada. Nesse entendimento, o resgate de obras de mulheres negras é de extrema importância para que elas mesmas ocupem o seu lugar de fala. Sendo assim, propomos analisar a obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”, da autora Carolina Maria de Jesus, a fim de reconhecer traços de resistência à cultura hegemônica.

PALAVRAS- CHAVE: Carolina Maria de Jesus; Mulher negra na literatura; Exclusão social; Minorias; Lugar de fala

ABSTRACT: Considering that women writers have always put aside in the literary canon throughout all these years in Brazil, from colonization to contemporaneity, especially if they are black women and live in peripheral spaces, it becomes a matter of justice and of both human and scientific importance to rescue the voice of this minority suppressed by a patriarchal society in which the literature is consumed or produced, for the most part, by white men belonging to the economic elite. Even today, mostly masculine rules remain, those that dictate what is good or bad in literature, a condition that consolidates the sexist criteria of what it is to be a woman, creating for her an image that is often negative and objectified. With this in mind, the rescue of works of black women is of extreme importance so that they

⁶ Graduanda em Letras – português/inglês na Universidade Paulista (DF) – Brasil. E-mail: naimialves.ng@gmail.com

⁷ Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Brasil., com período sanduíche em New York University – Estados Unidos da América. Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Brasil. Professora na Universidade Paulista (DF) – Brasil.

themselves might have their place of speech. Therefore, we propose to analyze the work "Quarto de Despejo: diário de uma favelada", from the author Carolina Maria de Jesus, in order to recognize signs of resistance to the hegemonic culture.

KEYWORDS: Carolina Maria de Jesus; Black women in literature; Social Exclusion; Minorities; Chance of Speech.

1. INTRODUÇÃO

Como é do texto literário que advém a análise literária e devemos deslindá-lo de dentro, os estudos serão iniciados com a leitura de um trecho de *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*:

Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe:

Porque a senhora não faz eu virar homem?

Ela dizia:

Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem.

Quando o arco-íris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-íris estava sempre distanciando. Igual os políticos distantes do povo. Eu cansava e sentava. Depois começava a chorar. Mas o povo não deve cansar. Não deve chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para os nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo.

Eu voltava e dizia para a mamãe:

— O arco-íris foge de mim. (JESUS, 1960, p.48)

... Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando às margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos. (JESUS, 1960, p. 55)

Apesar da pouca idade e do pouco estudo formal, Carolina percebeu que, para ocupar o lugar que desejava, era necessário ser homem. Percebeu também e relatou que vivia em um país onde as oportunidades não eram as mesmas para mulheres, negros e pobres. As estatísticas atuais e oficiais demonstram que pouco mudou de lá para cá.

Já em 1910, o jurista brasileiro Ruy Barbosa manifestava, na campanha pela eleição de um candidato civil à presidência da República, sua preocupação com o destino dos antigos escravizados que, após libertos, passaram a conviver com as amarras causadas pela impotência intelectual, sócio-política e econômica. Em sua obra *A questão Social e Política no Brasil*, Barbosa proferiu o seguinte desabafo dirigido às elites políticas, intelectuais e escravagistas: “Que contas darão a Deus, da sorte destas gerações, que a revolução de 13 de maio deixou esparsas à grosseria em que a criara e embrutara a escravidão?” (BARBOSA, 1919, p. 375). Em outro momento reafirma Ruy:

Se os fracos não têm a força das armas, que se armem com a força do seu direito, com a afirmação do seu direito, entregando-se por ele a todos os sacrifícios necessários para que o mundo não lhes desconheça o caráter de entidades dignas de existência na comunhão internacional. (BARBOSA, 1918, p. 33)

Barbosa, àquela época, já era um intelectual reconhecido mundialmente, mas as elites às quais se dirigia, se tinham orgulho de sua dimensão intelectual planetária, permaneceram surdas às suas advertências. Uma pergunta que não pode calar: quantos hoje sabem quem foi esse baiano que os europeus, sempre tão orgulhosos de sua própria cultura, reconheceram como a inteligência mais brilhante da Conferência Internacional da Paz de Haia, em 1907?

Depois de Barbosa, a mobilidade e a justiça social existiriam apenas como promessa distante, e a diferença de oportunidades entre ricos e pobres leva à inviabilidade uma existência social e ao anonimato milhões de brasileiros. A favela, atualmente rebatizada como comunidade, tornou-se o *habitat* desses milhões de excluídos pelo Brasil afora. Desse tipo de *apartheid* tropical, a ascensão não é fácil. Dependeria de determinação, quase de heroísmo, que poucos conseguem alcançar. Em 1960, uma voz literária e

politicizada emergiu fora da Academia. Uma mulher, negra e favelada, ousou ser escritora e dar voz às favelas. Carolina Maria de Jesus, catadora de lixo, separava todos os papéis bons que encontra para neles relatar o seu dia a dia. Tentou falar com vários jornalistas, dizendo-se escritora e poeta, mas ninguém lhe dava crédito, até que Audálio Dantas, um jornalista encarregado de fazer uma matéria sobre o cotidiano da favela, a descobre e publica sua primeira obra, em que Carolina de Jesus relata o duro cotidiano dos moradores da favela, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*.

Lá no rebuliço favelado, encontrei a negra Carolina, que logo se colocou como alguém que tinha o que dizer. E tinha! Tanto que na hora desisti de escrever a reportagem. A história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco: Li e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história - a visão de dentro da favela. (DANTAS, 1993, p. 7)

2. A LINGUAGEM DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Um aspecto importantíssimo, que não pode deixar de ser mencionado, é a linguagem do livro. Dantas busca resguardar o texto original de Carolina, que foge da norma padrão e que, por isso mesmo, traduz com realismo a forma como o morador da favela enxerga e expressa seu mundo. Torna-se também uma contundente crítica à cultura eurocêntrica, insistentemente utilizada como parâmetro para classificar o que é aceito ou não socialmente.

O livro foi traduzido em 14 línguas e vendeu mais de dez mil exemplares em uma semana. Desde sua publicação, a obra vendeu mais de um milhão de exemplares, tornando-se um dos livros mais conhecidos no exterior. Mesmo apresentando tanta sensibilidade, profundidade e rara inteligência, e sendo reconhecida internacionalmente, Carolina Maria de Jesus enfrentou um “problema” na Academia Carioca de Letras. Dúvidas surgiram quanto à

autenticidade de sua obra como literatura. Afinal, para muitos, uma mulher negra, favelada e de baixo nível de educação não poderia escrever literatura e figurar como cânone.

Inclusive, esse questionamento não é recente. Já se levantou a hipótese de que Audálio Dantas teria armado toda uma invenção buscando tirar proveito próprio. Dantas no prefácio “A atualidade do mundo de Carolina” afirma que:

O poeta Manuel Bandeira, em lúcido artigo, colocou as coisas no devido lugar: ninguém poderia inventar aquela linguagem, aquele dizer as coisas com extraordinária força criativa mais típica de quem ficou a meio caminho da instrução primária. Exatamente o caso de Carolina, que só pôde chegar até o segundo ano de uma escola primária do Sacramento, Minas Gerais. (DANTAS, 1993, p. 7)

Carolina Maria de Jesus morreu em 13 de fevereiro de 1977, aos 62 anos de idade, praticamente esquecida pelo seu país. No ano passado, em 20 de abril de 2017, Carolina foi homenageada pela Academia Carioca de Letras, mas em sua própria homenagem, o professor convidado Ivan Cavalcanti Proença disse que a obra Carolina Maria de Jesus não era literatura. O acadêmico iniciou seu discurso elogiando Carolina Maria de Jesus até o momento em que ele faz uma ressalva e disse:

Só tem uma coisa: isso não é literatura. Isso pode ser um diário e há inclusive o gênero, mas, definitivamente, isso não é literatura. Cheia de períodos curtos e pobres, Carolina, sem ser imagética, semianalfabeta, não era capaz de fazer orações subordinadas, por isso esses períodos curtos. (PROENÇA apud LUCINDA, 2017)

Olhar para *Quarto de Despejo* apenas como um diário é um equívoco. Sua escrita é marcada pela linguagem literária.

Ouço o povo dizer
O Adhemar tem muito dinheiro
Não tem direito de enriquecer
Quem é nacional, quem é brasileiro?
(JESUS, 1960, p. 102)

Pode-se notar a construção do valor estético nesse pequeno trecho citado. O livro todo é composto por metáforas e poesias, sendo assim, a obra de Carolina Maria de Jesus é sim um diário, mas não um simples diário, pois sua linguagem é poética. Além disso, a construção da concepção do que venha a ser literatura varia conforme a sociedade onde a obra é produzida ou lida entende por literatura. Terry Eagleton, em *Teoria da literatura: uma introdução*, afirma:

Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta. Sob esse aspecto, a produção do texto é muito mais importante do que o seu nascimento. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado. Nesse sentido, podemos pensar a literatura menos como uma qualidade inerente, ou como um conjunto de qualidades evidenciadas por certos tipos de escritos que vão desde Beowulf até Virginia Woolf, do que como as várias maneiras pelas quais as pessoas se relacionam com a escrita. Não seria fácil isolar, entre tudo o que se chamou de “literatura”, um conjunto constante de características inerentes. Na verdade, seria tão impossível quanto tentar isolar uma única característica comum que identificasse todos os tipos de jogos. Não existe uma “essência” da literatura. (EAGLETON, 1994, p. 13)

Vale ressaltar que, Carolina Maria de Jesus era o motivo da presença de todos no evento em homenagem a ela na Academia Carioca de Letras. Parece que ainda não conseguimos nos livrar do condicionamento europeu em nossa literatura. Vemos que mais de setenta anos se passaram da publicação de *Quarto de Despejo* e, fundamentalmente, pouco mudou no Brasil.

Pelo contrário, o preconceito linguístico vem sendo alimentado dia após dia, ignorando-se que a língua portuguesa sofre variações de acordo com o contexto histórico, regional e social. Indivíduos socialmente privilegiados por um sistema que oprime e exclui ditam as variações que são aceitáveis ou não, discriminando falantes da língua que geralmente são oriundos da região norte e nordeste, ou economicamente desfavorecidos. Há quem diga também que o domínio da norma-padrão é um instrumento de ascensão social. Marcos Bagno desmistifica tal afirmação em *Preconceito Linguístico: O que é, como se faz?*. Vejamos:

Se o domínio da norma-padrão fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que eles domina a norma-padrão. Só que a verdade, está muito longe disso, como bem sabemos nós, professores, a quem são pagos alguns dos salários mais obscenos de nossa sociedade. (BAGNO, 1999, p. 89)

O domínio da norma- padrão não é uma ferramenta de ascensão na sociedade, na verdade a valorização da gramática tradicional reforça o preconceito linguístico que é mais uma forma de exclusão social. Na mesma obra, Bagno afirma que:

Pelas mesmas razões que levaram à transformação da Gramática Tradicional num instrumento de dominação e exclusão social é que a atividade dos lingüistas brasileiros vem sofrendo ataques grosseiros por parte de auto-intitulados “filósofos” que representam, na verdade, a reação mais conservadora (e muitas vezes com acentos claramente fascistas) contra qualquer tentativa de democratização do saber e da sociedade. (BAGNO, 1999, p. 175)

As razões as quais levaram a transformação da Gramática em um instrumento de dominação já se sabe que é alimentar o sistema capitalista que

é regido pela ideologia patriarcal. Esse sistema implica na dominação, na exploração, na opressão, na retirada de direitos do outro. E quanto mais espaços subalternos esse outro ocupar, mais difícil será sua condição de existência. Bagno diz:

Uma mulher negra, por exemplo, mesmo que se apodere completamente das formas prestigiadas de falar e de escrever, continuará tendo oportunidades infinitamente menores de ascensão social do que qualquer homem branco, mesmo que ele não domine tão bem assim a “língua certa”. (BAGNO, 1999, p. 92)

O acadêmico que disse que Carolina Maria de Jesus não é literatura não foi o único a marginalizá-la. O escritor e historiador Benjamin Moser, autor de *Clarice: Uma biografia* fez uma análise de uma foto em que Clarice Lispector aparece ao lado de Carolina Maria de Jesus e disse:

Numa foto, ela aparece em pé, ao lado de Carolina Maria de Jesus, negra que escreveu um angustiante livro de memórias da pobreza brasileira, *Quarto de despejo*, uma das revelações literárias de 1960. Ao lado da proverbialmente linda Clarice, com a roupa sob medida e os grandes óculos escuros que a faziam parecer uma estrela de cinema, Carolina parece tensa e fora do lugar, como se alguém tivesse arrastado a empregada doméstica de Clarice para dentro do quadro. (MOSER, 2009, p. 25)

3. ENTRELUGAR E CAROLINA MARIA DE JESUS

Na foto (em anexo), Carolina Maria de Jesus aparece ao lado de Clarice Lispector tão bem vestida quanto Lispector, tão familiarizada com o lugar quanto ela, Carolina estava em seu próprio lançamento de livro e Clarice foi prestigiá-la. Mas há algo que fez parecer que Carolina Maria de Jesus não pudesse pertencer àquele lugar ou, se pudesse, no máximo, seria como a empregada de Clarice que a acompanhou. Além disso, Moser descreve Carolina Maria de Jesus como a “negra que escreveu um livro”, não como escritora. Carolina Maria de Jesus, ainda que tenha conseguido estar em lugares privilegiados, muitas vezes era jogada para os entrelugares por aqueles

que não aceitam a ascensão dessa voz de mulher negra e periférica. Esses dois acontecimentos com Carolina Maria de Jesus é um reflexo da nossa sociedade racista e elitista, na qual apenas alguns indivíduos podem ser reconhecidos. Judith Butler, em *Corpos em aliança e a política das ruas*, afirma:

A questão do reconhecimento é importante porque, se dizemos acreditar que todos os sujeitos humanos são iguais merecem igual reconhecimento, presumidos que todos os sujeitos humanos são igualmente reconhecíveis. Mas e se o campo altamente regulado da aparência não admite todo mundo, demarcando zonas onde se esperam que muitos não apareçam ou sejam legalmente proibidos de fazê-lo? Por que esse campo é regulado de tal modo que apenas determinados tipos de seres podem aparecer como sujeitos reconhecíveis, e outros não podem? (BUTLER, 2018, p. 42)

Em um entre-espaço, ou em um não-espaço, em um lugar não reconhecível - no mundo regulado pela aparência, a mulher negra e periférica não cabe.

4. A VOZ ATUAL E CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina relata a luta diária por sobrevivência das pessoas da comunidade. A personagem principal do *Quarto de despejo* é a fome, esta aparece no seu diário quase todos os dias. Carolina chega a falar sobre a cor amarela para a fome. “Resolvi tomar uma média e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves tudo amarelo, depois que comi tudo normalizou.” (JESUS, 1960, p. 44) Por muitas vezes, ela se viu obrigada a pegar restos de comida no lixo para comer e alimentar seus três filhos. Viu colegas morrerem após comerem carne podre. É impossível ler Carolina e não sentir com ela a dor da fome, do sofrimento e do desespero.

O livro, ao relatar o cotidiano da favela, é por muitas vezes repetitivo, mas não escorrega para a monotonia. Carolina acorda todos os dias cedinho,

busca água, quando tem o que comer, faz comida e vai catar lixo para prover o seu sustento e o de seus filhos. A repetição nos incomoda, tira-nos da zona de conforto em que vivemos. Às vezes, achamos melhor fechar os olhos para uma realidade à qual não pertencemos e a arte que, dentre suas inúmeras possibilidades, torna visível o que, apesar de sê-lo neste caso, é normalizado, banalizado pelo sistema. Abandonada pelo governo, pela sociedade, subjugada pelo homem que deveria assumir a paternidade de um filho, mas não o faz, apagada pela mídia, Carolina é uma sobrevivente. A arte de Carolina Maria de Jesus acende uma vela no escuro e torna perceptível toda a escuridão ao redor – tal como propõe William Faulkner –, tornando-nos sensíveis à dor do outro, visibilizando a situação de miséria pela qual muitos passam despercebidos. Poder mergulhar no mundo de Carolina Maria de Jesus pode ser transformador.

Carolina também relata outros conflitos como a relação com outros moradores, a vida dos filhos, violência doméstica, alcoolismo que está sempre presente na vida de seus conhecidos. As mulheres da vizinhança a perturbam bastante. É bem nítido que ela sofre até uma perseguição por ser uma mulher independente e instruída, em meio a tantos que são analfabetos. O desejo de tirar seus filhos da favela, o sentimento de revolta, insatisfação com a situação em que os favelados vivem e o descaso dos políticos é o que move Carolina. Carolina era altamente politizada e sabia que quando políticos iam até a favela, dizendo estar com o povo, era apenas politicagem e, após as eleições, eles “se divorciavam” dos favelados. Carolina pensava que: “O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças” (JESUS, 1960, p. 29).

A condição de mulher e mãe solo na sociedade desumanizada também está exposta nos textos de Carolina. Mesmo num ambiente em que todos - homens e mulheres - sofrem, as mulheres continuam em um patamar abaixo,

tendo de lidar desde muito novas também com o assédio, o abuso, o estupro, a violência doméstica, o julgamento alheio.

Carolina pensava em cometer suicídio por ser mulher e declarava muitas vezes seu “desgosto” em ser mulher. A disputa e rivalidade entre mulheres estava sempre presente na favela, sendo essa presente na sociedade ainda como um todo. Fizeram-nos acreditar que somos inimigas, rivais. No passado, quando o único papel da mulher era conseguir um casamento, a presença de outra mulher representava uma “ameaça”. Crescemos acreditando que temos que ter o cabelo mais bonito, o corpo mais “esbelto”, a roupa melhor etc. Mesmo com o discurso feminista ganhando força, essa rivalidade ainda permeia a sociedade.

Setenta anos se passaram e *Quarto de Despejo* continua sendo um livro, infelizmente, muito atual. A repetição dessa história continua em novas personagens. E lembrar que essas personagens são reais e que essa história foi contada por uma narradora que “viveu” a favela, não apenas falou sobre a favela, é um choque. Um choque necessário. E o quarto de despejo continua sendo habitado por mais e mais moradores: “Quando querem se livrar dos papéis e das latas velhas, mandam para o lixão, quando querem se livrar das pessoas que incomodam, mandam para a favela, o quarto de despejo da humanidade” (JESUS, 1960, p. 39).

Por outro lado, o texto de Carolina é uma prova de que, como nós, mulheres, podemos ter voz, e que essa voz pode chegar mais longe do que nós mesmas. Uma mulher, favelada, negra, mãe solo produziu uma obra histórica, e o que podemos esperar é que isso sirva de resistência para tantas outras pessoas que ainda vivem às margens pelo nosso país afora.

Se muito do que preocupava Ruy Barbosa no início do século passado, e Carolina Maria de Jesus já em meados do século, ainda continua vigorando, a grande crise socioeconômica e humanitária na qual estamos mergulhados pode ser o motor para repensarmos as nossas posturas individuais e grupais.

Tal como Carolina Maria de Jesus, que não omitiu sua condição de mulher negra e favelada, e conseguiu transmitir como poucos a sua realidade existencial, talvez seja o momento de redefinirmos os nossos valores. Como começar? Reconhecer os privilégios e pensar sobre lugar de fala já é um começo. Djamila Ribeiro, em seu livro *O que é lugar de fala*, reflete:

Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experimentar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas vão experimentar do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. Logo, ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos. (RIBEIRO, 2017, p. 86)

Todos podem e devem lutar por igualdade e justiça social, não apenas quem é objeto desse sistema opressor, mas também quem se beneficia dele. Reconhecer nossos privilégios causa um incômodo, abrir mão deles não é fácil e requer conscientização e para que essa conscientização aconteça é necessário dar visibilidade a cada grupo minoritário. Por outro lado, se estamos enfrentando um momento perigoso de retrocesso, é porque algum avanço tivemos. Logo, agora mais do que nunca, continuar lutando por direitos é imprescindível para o avanço e a conquista de uma sociedade justa.

REFERÊNCIAS

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Editora Ática: 1992.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira: 2018.

DJAMILA, Ribeiro. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento: 2017.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico - O que é, como se faz*: Edições Loyla: 1999.

MOSER, Benjamin. *Clarice: Uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras: 2009.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes: 2006.

Recebido em 01/12/2018.

Aceito em 15/02/2019.